



**UMA  
SIMPLES  
FLOR NOS  
TEUS  
CABELOS  
CLAROS**

CONTO: JOSÉ CARDOSO PIRES/ILUSTRAÇÃO:  
MÁRIO CAFIEIRO



**M**as a meio caminho voltou para trás, direita ao mar. Paulo ficou de pé no areal, a vê-la correr: primeiro chapinhando na espuma rasa e depois contra as ondas, às arrancadas, saltando e sacudindo os braços, como se o corpo, toda ela, risse.

Uma vaga mais forte desfez-se ao correr da praia, cobriu na areia os sinais das aves marinhas, arrastou alforrecas abandonadas pela maré. Eram muitas, tantas como Paulo não vira até então, espapaçadas e sem vida ao longo do areal. O vento áspero curtira-lhes os corpos, passara sôbre elas, carregado de areia e salitre, varrendo a costa contra as dunas, sem deixar por ali vestígios de pegada ou restos de alga seca que lhe resistissem.

>><<

“Marcaste o despertador?”

“Hã?”

“O despertador, Quim. Para que horas o puseste?”

>><<

“... E tudo à volta era névoa, fumo do mar rolando ao lume das águas e depois invadindo mansamente a costa deserta. Havia êsse sudário fresco, quase matinal, embora, cravado no céu verde-ácido, despontasse já o brilho frio da primeira estrêla do anoitecer...”

>><<

“Desculpa, mas não estou desencansada. Importas-te de me passar o despertador?”

“O despertador?”

“Sim, o despertador. Com certeza não queres que eu me levante para o ir buscar. És de fôrça, caramba.”

“Pronto. Estás satisfeita?”

“Obrigada. Agora lê à vontade, que não te torno a incomodar. Eu não dizia? Afinal não lhe tinhas dado corda...”

>><<

“— Mais um mergulho — pedia a rapariga.

A dois passos dêle sorria-lhe e puxava-o pelo braço:

— Só mais um, Paulo. Não imaginas como a água está estupenda. Palavra, amor. Estupenda, estupenda, estupenda.

Uma alegria tranqüila iluminava-lhe o corpo. A neblina bailava em torno dela, mas era como se a não tocasse. Bem ao contrário: era como se, com a sua frescura velada, apenas despertasse a morna suavidade que se libertava da pele da rapariga.

— Não, agora já começa a arrefecer — disse Paulo. — Vamo-nos vestir?

Estavam de mãos dadas, vizinhos do mar e, na verdade, quase sem o verem. Havia a memória das águas na pele cintilante da jovem ou no eco discreto das ondas através da névoa; ou ainda no rastro de uma vaga mais forte que se prolongava, terra adentro, e vinha morrer aos pés dêles num distante fio de espuma. E isso era o mar, todo o oceano. Mar só presença, traço de água a brilhar por instantes num rasgão de nevoeiro.

Paulo apertou mansamente a mão da companheira:

— Embora?

— Embora — respondeu ela.

E os dois, numa arrancada, correram pelo areal, saltando poças de água, alforrecas mortas e tudo o mais até tombarem de cansaço.”

>><<

“Quim...”

“Outra vez?”

“Desculpa, era só baixares o candeeiro. Estou a ver que tenho de tomar outro comprimido.”

“Experimenta ler um bocado.”

“Não vale de nada, filho. Tenho a impressão de que êstes comprimidos já não fazem efeito. Talvez mudando de droga... É isso, preciso mudar de droga.”

>><<

“— Tão bom, Paulo. Não está? — Ótimo. Está um tempo espantoso.

Maria continuava sentada na areia. Com os braços envolvendo as pernas e apertando as faces contra os joelhos, fitava o nada, a brancura que havia entre ela e o mar, e ao mesmo tempo os olhos iam-se-lhe carregando de brilho.

para aqui chamado. Se não consigo dormir, é por outras razões.

Olha, talvez seja por andar para aqui sôzinha a moer arrelias, sem ter com quem desabafar. Isso, vira-me as costas. Nem calculas a inveja que me fazes.”

“Pois.”

“Mas sim, fazes-me uma inveja danada. Contigo não há complicações que te toquem. Voltas as costas e ficas positivamente nas calmas. Invejo-te, Quim. Não calculas como eu te invejo. Não acreditas?”

“Acredito, que remédio tenho eu?”

“Que remédio tenho eu... É espantoso. No fim de contas ainda ficas por mártir. E eu? Qual é o meu remédio, já pensaste? Envelhecer estúpidamente, levar uma vida de escrava... Aí tens o meu remédio.”

>><<

“Partiram às gargalhadas. À medida que se afastavam do mar, a areia, sempre mais seca e fôfa, retardava-lhes o passo e, é curioso, sentiam a noite abater-se sôbre êles. Sentiam-na vir, muito rápida, e en-

adormeça veste-se e vai dar uma volta com o marido a qualquer lado. Acho um exagero, eu nunca seria capaz de te acordar... Mas, enfim, ela lá sabe. O que é certo é que se dá com o marido como Deus com os anjos. E isso, Quim, apesar de ser uma tipa, como tu dizes. Também, ainda estou para ter uma amiga que na tua boca não seja uma tipa ou uma galinha.”

>><<

“Jantaram à luz duma vela porque tinha havido avaria na central elétrica. O dono da casa estava cansado de telefonar para a vila, e de lá prometiam, prometiam, e nada. Por isso pedia-lhes que tivessem paciência, que o desculpassem por não serem tão bem servidos como êle desejaria; para muita mágoa do homem, nem ao menos puderam ouvir o rádio, que naquele sítio apanhava um sem-número de emissoras, da mais forte ao simples ponto de som perdido no mapa, estações de bordo e transmissões de amadores cruzando o mundo com as suas mensagens.

Parado, a meio da loja, o estala-jadeiro abria os braços em sinal de desalento:

— Falta de providências, é só disso que eu me queixo.

— Mesmo assim é bom — disse Maria com a voz quase apagada. — Cá por mim, sinto-me bem.

O homiemi chegou-se vagarosamente à mesa:

— O que seria então se a senhora viesse cá em abril. Por enquanto,

o nordeste ainda anda teimoso, faço-me compreender? Mas para o mês que vem há aqui dias que nem o melhor verão se pode gabar de apresentar.

Vergou-se todo sôbre êles, os bigodes rijos e esticados no ar arremedavam um sorriso: “Faço-me compreender?”, dizia êle com o seu silêncio. Pousou um olhar triste na vidraça e, passado tempo, voltava:

— Agora é isto. Morto, tudo morto.

Falando, a luz da vela só lhe apanhava a testa mirrada, desfazia-se pelas barbas grossas de cão de azenha e carregava-lhe de penumbra o resto da figura.

— No inverno tenho dias que nem abro a porta. Verdade. Fechome aqui dentro, faço-me compreender? Ligo o aparelho e ponho-me a ouvir música e a fazer os meus cálculos para a época que vem.

Paulo ergueu-se na cadeira para acender o cigarro ao côto da vela. À sua frente a rapariga dirigiu-lhe um sorriso leve. A chama dançou à volta do pavio, sombras erraram pelos cantos da casa, por cima das prateleiras vazias e das cadeiras empilhadas sôbre as mesas. Mas quando se soltou a parte queimada do pavio, a luz rompeu tão nítida que deixava ver uma ligeira penugem brilhando no pescoço liso da rapariga.

Estava então voltada para a janela, com os olhos pousados nos rolos de névoa que corriam bem devagar por detrás daquelas vidraças sujas, sôbre o mar. Em voz len-

## A mulher explodiu: “No fim de contas ainda ficas como mártir.” E eu? Qual é meu remédio?

— Tão bom — repetia —, tão bom.

— Sim, mas temos que ir.

Com o cair da tarde a névoa desmanchava-se pouco a pouco. Ficava unicamente a cobrir o mar, a separá-lo da terra como uma muralha apagada, e, de surpresa, as dunas e o pinhal da costa surgiam numa claridade humilde e entristecida. Já de pé, Paulo avistava ao longe a janela iluminada do restaurante.

— O homem deve estar à nossa espera — disse êle. — Ainda não tens apetite?

— E tu, tens?

— Uma fome de tubarão.

— Então também eu tenho, Paulo.

— Ora essa?

— Tenho, pois. Hoje sinto tudo o que tu sentes. — E acrescentou: — Paulo.”

>><<

“Se isto tem algum jeito. Qualquer dia já não há comprimidos que me cheguem, meu Deus.”

“Pudera, com essas drogas para emagreceres...”

“Não, filho. O emagrecer não é

tretanto distinguiam cada vez melhor as piteiras encravadas nas dunas, a princípio pequenas como galhos secos e logo depois maiores do que lhes tinham parecido à chegada. E ainda as manchas esfarrapadas dos chorões rastejando pelas ribas arenosas, o restaurante êrmo, as travês de madeira roídas pela maresia e, cá fora as cadeiras de vêrga, que o vento tombara, soterradas na areia.

— O mar nunca aqui chega — tinha dito o dono da casa. — Quando é das águas-vivas, herra lá fora como um danado. Mas aqui, não senhor. Aqui não tem êle licença de chegar.”

>><<

“A verdade é que são quase 2 horas e amanhã não sei como vai ser para me levantar. Que raiva, caramba. Escuta...”

“Que é?”

“Não estás a ouvir passos?”

“Passos?”

“Sim. Parecia mesmo gente lá dentro, na sala. Se soubesses os sus-tos que apanho quando estou com insônias. A Nanda lá nisso é que tem razão. Noite em que não

ta e com olhar perdido ia dizendo:

— Parece que tudo isto cheira. Não sei explicar bem, Paulo. Sabes, é como se tudo isto tivesse um cheiro especial.

— Vida de condenado — continuava o homem; e sacudia a cabeça. — No fim dê contas, que é isto senão vida de condenado? Outra cerveja?

— Sim. Também queres?

Ela sorriu.

— Mais duas.

O homem afastou-se para o fundo da loja, sempre a remoer:

— Ao menos que eu bebesse. Mas nem isso. Fumar também não é comigo. Um cigarrito lá de tempos a tempos, quando calha, e olha lá. O que ainda me dava uma certa distração era a telefonia. Ou isso ou quando desenferrujava a língua com os pescadores que passavam por aí.

Levantou a voz:

— Uma preta e outra branca, não foi que disse?

— Sim — respondeu Paulo. — Uma cerveja preta e outra branca. Tinha os olhos na rapariga, do outro lado da mesa. Aparecia-lhe muito serena ao esplendor franco da vela, com as pernas esticadas contra as dêle.

>><<

“Quieta. Que queres tu?”

“É a janela da sala que está a bater. Deixa. Eu vou lá, não quero que te incomodes.”

“Caramba”.

“Eu vou, deixa-te estar. Fazes nervos, apre.”

“Tu é que fazes nervos.”

“Eu? Andas há não sei quanto tempo para arranjar a janela e ainda por cima dizes que te faço nervos? Não, Quim. Lê à vontadinha, mas não embirres.”

>><<

“Tôda ela sorria e, contudo, tinha o rosto quieto e vivo como uma rosa de sol, uma rosa de Natal ou qualquer outra flor de poetas. Talvez Desnos, Maiakovsky, ou Van Gogh, ou Eluard. Ou talvez nenhum destes; e muito menos Gide, Debussy, Pessoa, porque um momento assim é a véspera do estado de graça, quando as palavras perdem o sentido, a força real, e os gestos trazem uma nova linguagem, a glória, a inteligência física...”

>><<

“Querido, não imaginas como gosto dêle.”

“Sim?”

“Então não achas que me ficava bem? Assim, com esta parte do cabelo puxada para cima?”

“Pois, talvez. A janela sempre estava aberta?”

“Era a persiana que se tinha desprendido. Mas não achas que me ficava bem? Assim, olha...”

“Acho que sim, mas agora deita-te.”

“A Nanda usa o ainda mais para cima, mas o cabelo dela também não se presta. Em todo o caso o Martin penteou-a há dias duma maneira assombrosa.”

>><<

“Tôda ela sorria... Algures,

onde a luz não chegava, o homem abria garrafas. Não o viam dali, mas sentiam-lhe a voz a boiar nos fundos da loja.

— Dantes ainda o cabo-de-mar aparecia por cá. Bebíamos um copo, falávamos um bocado e o tempo passava. Mas agora o macaco está-se nas tintas. Não é como no verão. Não há banhistas nem multas para caçar.

Sempre a falar, atravessou a casa, com uma garrafa em cada mão. E, sacudindo a cabeça:

— Há bem um mês que não lhe ponho a vista. Ehee. Faz êle bem. Não há multas, não há distrações... Segue-se que fico para aqui a ouvir o aparelho, as músicas, os noticiários e, para ser franco, nem à vila me apetece ir. Mas desta vez não pode deixar de ser. Tenho de falar com os homens da central elétrica. A cerveja preta é para a senhora?

— E se havia um homem que temesse mais a música. Não gostava, isto é falar com tôda a sinceridade. Música não era comigo.

La continuar quando Paulo o calou a um sinal. O dono da casa

pouco. Olhe, ágora, agora, agora.

O homem apontava, para lá da janela, duas luzes de embarcação que piscavam no oceano.

— O patrulha da costa. Apostava em como estão a dar 9 horas.

Paulo olhou o relógio:

— Nove e um quarto.

— Vem atrasado — disse o estalajadeiro. — Deve ter sido por causa do vento e do nevoeiro que estêve de tarde. Quando não, é fatal. Às 9 em ponto tenho o patrulha da costa a passar nessa janela e o noticiário na telefonia.

Diante dos dois hóspedes, falava-lhes com o à-vontade com que se encontram os conhecidos de passagem. Via o casal, apreciava a maneira como comiam e bebiam, isto é, a maneira como usavam apenas uma das mãos para continuarem unidos pela outra, que mantinham sobre a toalha — e nada disso o intimidava, não havia nêle sequer a curiosidade, a manha ou o pudor de um estranho na presença dos pares que se amam.

Via-os comer e parecia satisfeito de vê-los.

— Se não fôsse a encrenca da

Ele olhava-a bem de frente, os cabelos claros e soltos, a bôca sem côr, a pele fresca, rija.

Soprou para longe uma fumaça demorada.

— Maria. Desculpa ter-te trazido para aqui. Se quiseses, ou melhor, se não quiseses, vamos embora.

— Mas é um sítio admirável. É o melhor restaurante, a melhor praia, o melhor homenzinho do mundo. A melhor água, o melhor tuado.

— Não, não é isso que eu quero dizer.

A rapariga pôs-se séria de repente. Reparou que o companheiro tinha a ponta do cigarro entalada nos dedos, que a apertava, que a riscava com as unhas fortemente.

— Sim — disse ela. — Eu sei que não é isso.

Paulo abriu os dedos, o cigarro apagado caiu distraidamente em cima da toalha. Acendeu logo outro à chama da vela, sem contudo o aproveitar porque o queimara demais, sujando-o de fumo, e tirou à pressa mais um, que se pôs a sugar com sofreguidão para o acender. Sorriu desajeitadamente:

— É estranho, mas não sei como te hei-de dizer...

— Oh, não digas, Paulo.

Só nesse momento a pôde ver com clareza. Estava a sorrir, o nariz tremendo ao de leve.

— Não é preciso — murmurava ela. — Eu também tenho pensado nisso muitas vêzes. Talvez, sei lá, talvez eu mesma to dissesse.”

>><<

“Acabaste, Quim?”

“Sim, acabei.”

“É bom, o livro?”

“É uma história de dois jovens apaixonados.”

“Contas-ma, Quim? É capaz de contar a história à sua mulherzinha?”

“Ora, quase não tem que contar. É um rapaz que está na praia com uma rapariga.”

“Estão na praia, e depois?”

“Depois vão tomar banho. À noite, quando o sol está mesmo a desaparecer.”

“À noite? Tu estás a trocar?”

“É verdade, à noite.”

“Mas isso é só nos filmes dos milionários, lá nos mares do sul. Ou nas piscinas, quando êles estão bêbados.”

“Não, êstes não eram milionários nem estavam bêbados. Eram jovens.”

“Inconscientes, diz antes assim. Não me queres convencer que acreditas numa coisa dessas.”

“Claro que acredito. Por que não?”

“Pobre Quim. O meu Quim agora deu em maluquinho. Deu em maluquinho, não deu?”

“Quieta, Lisa.”

“Deu em maluquinho, pois. E eu sou a mulherzinha dêle e vou guardá-lo muito bem guardado para que não fuja para a praia com os maluquinhos. Não é?”

“Quieta, Lisa.”

Arrumou o livro na mesa de cabeceira e apagou a luz. FIM

“Já pensaste? Envelhecer estúpidamente,  
levar uma vida de escrava...  
Aí tens meu remédio!”

recuou um passo para o meio da sala e quedou-se em silêncio, intrigado. Mas daí a pouco soltou um esguicho de risada, as mãos ossudas planaram no ar desajeitadamente, num gesto de desinteresse.

— Não tem importância — disse. — É uma folha de pita, nas traseiras.

— Tem graça, parecia alguém a bater à porta.

— Não, minha senhora. É lá fora, a piteira. Seja na praia, seja aqui em casa, não há barulho que eu não conheça. Isto que agora ouvimos é a piteira a dizer que o vento vai mudar. Garantido. A piteira só bate assim nas tábuas quando o nordeste começa a mudar de rumo e a apanha de certa maneira.

Maria tinha a mão estendida por cima da toalha, procurando a do rapaz e apertando-lha. Entretanto, ouviam o vento sobre as dunas, vindo de nordeste e anunciando a nova estação, os dias de calma e de céu limpo e radioso, e sentiam a folha de pita, aliada dêsse vento e dessa solidão, e até, de raro em raro, o esta!ejar do pavio da vela.

— Acolá, o patrulha. Espere um

central, ouvíamos bela musica a esta hora — continuava êle. — Mas amanhã têm-me à perna. Fecho aqui o cão e vou lá saber que pouca vergonha é esta.

— Tem cá um cão?

— Um animal terrível, Deus livrasse a senhora. Ao menos com aquêlo posso estar descansado. Fecho-o cá dentro, meto a chave ao bôlso e quando voltar está tudo na mesma. E aí do que se atreva a chegar a essa porta na minha ausência. Ai do que se atreva.

A rapariga ouvia-o e não lhe perdia um gesto, apertando sempre a mão de Paulo na sua.

— Ouça, pode-se ver o cão? Deixa-me só vê-lo, Paulo.

O homem tirou uma corrente da gaveta do balcão. Saiu a arrastá-la pelo sobrado; embora nada dissesse, levava um sorriso de contentamento.

Paulo encolheu os ombros:

— Vê o que arranjas.

— Nada — segredou ela, e tão baixo que Paulo mal a entendeu. — Não sei por que mas não há agora nada que me faça mêdo. Nada, Paulo.